

DO LEITOR AO ESTAGIÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM LETRAS.

MARTHA RIBEIRO PARAHYBA (UNIOESTE).

Resumo

Resultado de uma pesquisa realizada com alunos da 4ª série, em Letras, sobre práticas de leitura e formação do leitor, esta comunicação procura explicitar um dos aspectos observados, na pesquisa, acerca das implicações entre o conceito de leitura apropriado pelo aluno de Letras e suas práticas durante a realização do Estágio de Docência. Aqui, pretende-se refletir sobre tal aspecto, examinando o relato que um dos alunos pesquisados faz sobre sua própria prática de leitura, desenvolvida como atividade para o Estágio de Docência, tendo como contraponto para esta reflexão a própria experiência percebida ao longo de sua história de leitor. As circunstâncias que envolvem o ato de ler mostram-se cercadas pela relação que cada indivíduo mantém com o escrito, e isso se deve, principalmente, à forma como se reconhece e é reconhecido na experiência como leitor. Circunstâncias estas que se fazem perceber pelos modos de utilização, de compreensão e de representação manifestas em suas práticas. No caso do leitor, aluno/estagiário de Letras, é no interior da Licenciatura que o uso da escrita se consagra para a lide do ensino. Dessa forma, considerar os embates nascidos da experiência de leitor, durante a realização do estágio de docência, permite compreender, de certo modo, a complexidade com que se instaura o ensino de leitura nas escolas brasileiras.

Palavras-chave:

Ensino de Leitura, Práticas de Leitura, Estágio Docência Letras.

"Para definir o leitor, diria Macedonio, primeiro é preciso saber encontrá-lo. Ou seja, nomeá-lo, individualizá-lo, contar sua história". Ao citar a obra de Macedonio Fernandez, *Museo de la novela de la eterna*, Ricardo Piglia (2006: 24) nada mais faz do que levantar uma interrogação que acusa uma reverberante perplexidade, estendida a todos os interessados pelo assunto - quem é o leitor?

Rastrear o modo como a figura do leitor está representada na literatura supõe trabalhar com casos específicos, histórias particulares que cristalizam redes e mundos possíveis. Entretanto, não é apenas na Literatura que se faz presente a vida do leitor, mas na rotina da vida de pessoas comuns também há rastros, cujas pistas encobertas deixam entrever vestígios de antigas trilhas de um leitor que se forma entre práticas de leituras familiares, escolares e opções particulares dos caminhos a seguir entre os diversos escritos que se multiplicam ao longo do percurso.

O texto somente tem significação por seus leitores, afirma Certeau (1994), ao explicar a mútua e paradoxal relação que se estabelece entre leitor e escrito. Paradoxal pela liberdade do leitor de deslocar e subverter o sentido atribuído pelo autor e por todos aqueles na esfera da produção do escrito, mas, por outro lado, submetido às limitações derivadas do escrito. O paradoxo evidencia a grande distância entre as convenções atribuídas à leitura e os gestos ligados às práticas reais de leitor. São caminhos de práticas de leitura a desvelar marcas de histórias tecidas na trama de hábitos e costumes familiares, sociais, escolares; gestos a revelar a herança cultural de cada leitor.

O exame das diversas práticas de leitura revela um quadro rico de maneiras de ler que asseguram a conquista dos sentidos. Entretanto, tal conquista não advém apenas da técnica de ler, mas do posicionamento face ao escrito e às práticas de apropriação resultantes da experiência em lidar com esse escrito. Se a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos, para saber como se formou o leitor, é preciso considerar essas questões, que só serão percebidas por meio da análise que distinga suas tradições de leitura, cercadas pelas marcas sociais de quem ensina e de quem aprende.

A adoção desse pressuposto implica considerar a perspectiva em que leitor e escrito são aqui tomados. Todo escrito, seja qual for, só poderá ser lido se houver alguém que se disponha a fazê-lo. E o texto a ser lido só o leitor poderá fazê-lo - cercado por múltiplas variáveis, tais como época e lugares diferentes - com formas múltiplas de organizar seu modo de compreender o escrito, pronto a inscrever no texto a ser lido suas maneiras de ler. É sob esta perspectiva que se examina a história de leitura de uma aluna da Licenciatura em Letras, durante seu Estágio de Docência.

Destaca-se, nos estudos sobre as práticas de leitura, a idéia fundamental de modelos dos quais os leitores se valem para elaborar suas próprias referências. O leitor se depara com uma realidade social construída e ordenada, da qual herda o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam, e participa desse processo ao colaborar com a própria experiência na reformulação e ampliação de modelos culturais.

Não se trata de inventos extraordinários, a vida em comunidade se renova com a vivência e a criatividade de cada um. Apesar das diferentes possibilidades de o leitor compreender o escrito e da forma de conduzir a novas possibilidades de compreensão de si e do mundo, a complexidade do processo mostra que não é apenas do contato com os escritos que se faz o leitor. Ele só se reconhece leitor, quando se percebe o responsável pela jornada que será percorrida simultaneamente em dois mundos: o mundo do texto e o mundo do leitor, resultante de complexas imbricações norteadas por ele mesmo e suas referências de leitura.

Pensar a reflexão sobre a leitura como parte do processo cultural é examinar os usos e significações diferenciadas que são atribuídos pelos leitores, que diferem em função dos seus meios de socialização. Sob esse prisma, é preciso considerar as interferências de certas configurações sociais que constituem as bases das apropriações e entender de que maneira a realidade social é construída, pensada, dada a ler. Como pode ser observado, o mundo do leitor molda-se por meio de discursos e práticas, que o apreendem e o estruturam, conduzindo figuras, imagens, por meio das quais se mostra leitor.

A possibilidade de interação que o leitor estabelece a partir da diversidade de modos com que se apropria dos textos tem sido investigada nos estudos de Roger Chartier, sobre práticas culturais de leitores de épocas e de lugares distintos, e aponta para divergências entre sentidos, nascidas não só da competência de leitura, mas também das maneiras de ler e dos usos que o leitor faz. São contrastes entre significações plurais e inesperadas, a estabelecer referências para os estudos sobre a condição do leitor.

Por esse modo de compreender elaborou-se a reflexão a partir das evocações da acadêmica de Letras, do período em que esteve na educação básica; depois, sua experiência na graduação, e, por fim, sua experiência no Estágio Supervisionado. A opção por um contato *etnográfico* permitiu ouvir relatos de experiências, observar

em tarefas cotidianas de sala de aula e poder relacionar com as práticas desenvolvidas durante o estágio.

O conceito de representação sobre o qual se organizam as estratégias de leitor, pedra angular dos estudos das práticas de leitura de Chartier, passa a ter um sentido mais particular e é entendido a partir da noção empregada no Antigo Regime, da substituição de algo ausente pela exibição pública de algo ou alguém.

Esse conceito incide sobre as "estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser apreendido constitutivo de identidade" (Chartier, 1990: 23), que se articula sob três modalidades de relação com o mundo social: o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam, de forma visível e perpetuada, a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

Fiel à idéia de que os leitores são realizadores de um trabalho de produção e não apenas de assimilação, vinculado a tensões que expressam as diferentes maneiras de como os grupos ou os indivíduos partilham dessas mesmas formas, as representações inserem-se em um campo de concorrências e de competições que geram inúmeras apropriações de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências, com as motivações e necessidades (Chartier, 1990). Isto é, a representação é construída socialmente pelo homem para perceber e configurar a realidade, constituindo-se em matriz classificadora e geradora de condutas e práticas sociais. Na referência aos modos como as representações significam simbolicamente uma forma de entender o mundo, nos relatos acerca da própria formação como leitores é possível perceber como as experiências vividas, as práticas efetivadas e a atribuição de significados moldam os traços que definem essas representações.

Práticas de leitura: entre o leitor e o estagiário de docência

Os estágios são experiências concretas em que os saberes de formação da Licenciatura se organizam para articular a prática docente. No momento da docência, a leitura passa a fazer parte da ação concreta do estagiário, ao executar a atividade de regência prevista no curso de Licenciatura. Na empreitada de aulas, entre as atividades desenvolvidas no estágio, a prática passa a representar um modo de agir em relação à leitura. No que se refere a esse aluno, da escola de ensino fundamental ou médio, vivenciar essas práticas poderá significar muito, ou não.

O sucesso da docência, na perspectiva da formação do leitor, consolida-se nas apropriações efetivadas nas experiências dos leitores-estagiários. O que torna possível a reflexão sobre as práticas de leitura, realizadas por esses estagiários, em suas docências, é a possibilidade de encontrar entre os princípios articuladores das práticas de leitura, levadas às salas de aula, traços da própria formação como leitores. Tais princípios são fundados em referências - paradigmas de leitura -, transmitidas por distinta variedade de modos de ser lidar com os escritos,

adaptadas à circulação dos objetos escritos, nos momentos do estágio de docência, que podem remeter à história desses leitores.

No caso da aluna, cujo relato é aqui apresentado, práticas distintas podem ser observadas e que chamam à atenção. O primeiro momento, e nos serve como reflexão basilar, traz a imagem da formação do leitor, imagens de leitura que se articulam na infância com a trajetória da estudante e o acesso aos livros - de literatura infanto-juvenil - e periódicos.

Quando eu retornei à segunda série, eu já tinha doze anos de idade e os coleguinhas tinham oito, isso porque depois da cirurgia deu complicações. Aí, fiquei fora por mais um ano e meio. Então, quando retornei a estudar, mesmo, já estava com doze anos, na segunda série. Daí, na escola que eu estudei tinha biblioteca, podia pegar livrinho. [...] Daí como dava para pegar livrinhos emprestados, eu sempre tinha um livrinho junto comigo, porque eu acabava antes. Como eu falei, eu era mais velha, como eu copiava bem rapidinho o que estava no quadro, para não atrapalhar, eu lia, eu sempre tinha um livro comigo, sempre estava lendo. Tinha carteirinha na terceira série. Fiz carteirinha da biblioteca pública. E estava sempre lendo aquela coleção, tipo Vaga-lume. Eu li toda.[...] Ninguém indicou. Eu fui à biblioteca, eu lia a capinha, no verso, atrás, eu lia os títulos, e assim...

Como se tornou leitora? O relato, ao tentar responder a esta pergunta, mostra o aprendizado difícil da aluna, com evocações de idas à biblioteca para encontrar "livrinhos" escolhidos pela capa, ou pelo verso, ou pelos títulos, em uma situação definidas pelas relações com o ambiente escolar, pois na família o "pai é analfabeto, a mãe [foi] alfabetizada em casa". É daí que resulta seu apego à leitura e à primeira categorização de "leitor".

Quando o aprendizado da leitura constitui um momento marcante, desencadeia um desnorteamento que inicia uma prática intensa com a busca por mais leituras. Esse comportamento é determinante para iniciar um conjunto de práticas culturais responsável pela construção de nova representação, que adquire saberes, que se torna leitor, que não se desvencilha da leitura, mesmo quando não mais ligado à escola.

Quando eu terminei o Ensino Médio, fiquei três anos afastada até entrar na Faculdade. Eu fiz a assinatura daquela revista (...) por um ano. Assinei (...), por dois anos. Eu estava sempre lendo revistas, lendo alguns livros, que comprei e tenho interesse em ler. Estão lá guardadinhos. Porque eu sou assim, começo a ler a revista, pego o jornal, e começo a ler aqui e leito até lá no final. Eu gosto de ler assim. Se for pra ler, vamos ler tudo.

"O autodidata lê muito, lê tudo o que lhe cai nas mãos, tudo o que chega a ele facilmente", afirma Pompougnac (1997: 16), mas a posição de *leitor novo* só é assegurada pela continuidade das leituras e pelo conjunto dos conhecimentos adquiridos, que garantem a compreensão das novas leituras. A referência que torna possível a confirmação de ser leitor é dada pelo desafio do contato com novos

escritos, surgem então práticas que passam a constituir etapas da trajetória de leitores e de como fazem suas novas leituras.

[Durante o curso de graduação] As leituras, uma linguagem bastante difícil tanto é que teve um texto que a professora passou pra gente ler. Eu li aquele texto seis vezes, um texto extenso e eu não consegui compreender nada. E depois a gente foi pra sala, que ela expôs o texto, no quadro, falou o que era, a professora comentou o texto, eu compreendi mais. E acredito, assim, que esta dificuldade primeira, porque eu não tinha nenhum curso superior. Na escola não é pedido este tipo de leitura, assim, pra gente, não tem esta preparação.

A linguagem dos escritos no curso universitário apresenta-se com grande dificuldade e não é reconhecida como parte do processo de leitura, de ser leitor, que enfrenta desafios com textos cujo conteúdo não é do conhecimento cotidiano. O reconhecimento da dificuldade não se torna um aprendizado e não faz parte da representação do que é *ser leitor*. A representação construída é de o que torna o sujeito leitor é ausência de dificuldade para compreender os escritos, e não o fato de como fazer para enfrentar as dificuldades.

Desse modo, a experiência com as leituras universitárias não produz um resultado claro de como se forma o leitor. Entretanto, pelo relato a seguir percebe-se que, enquanto para o leitor o processo de ler não deve trazer dificuldade, por outro lado, o professor tem um importante papel na formação, o que envolve um conjunto de circunstâncias que precisam ser criadas, em sala de aula, para estabelecer os procedimentos adequados para a compreensão dos escritos na escola. Distinguem-se, então, representações do que é ser leitor e do que é leitura na sala de aula.

Como eu me veria como professora. Como eu gosto de ler, primeira coisa, incentivo, motivação, pra que meus alunos leiam também. Eu me vejo assim, fazendo algumas leituras, com eles, é ligado, mais assim, ao nível da turma, a idade, selecionar algumas leitura. Quando você está trabalhando, por exemplo, você pode tirar o texto do jornal, interessante, para a 6ª série, por exemplo. Fazer esta leitura com eles, fazer uma interpretação. Assim que eu me vejo como uma professora, de leitura, assim, leituras adequadas.

O relato mostra uma preocupação em determinar uma espécie de estratégia de leitura "adequada" para a sala de aula, nascida do incentivo, da motivação, ligada à idade, à turma. Daí, há uma representação de prática de leitura na sala de aula como ocasião para despertar o interesse do aluno e ato de ler compreendido como "tirar do texto". O modo de apreensão do sentido se baseia essencialmente em como "fazer uma interpretação", em como acessar a um código restrito.

Esse relato permite entender o distanciamento entre as práticas de leitura realizadas quando criança, fazendo as próprias escolhas na biblioteca da escola, e sua representação do papel de professor, que desempenhou quando de seu estágio de docência.

Ao ser indagada sobre a existência de biblioteca, na escola em que estagiou, e a possibilidade de envolver os alunos na mesma experiência que viveu na infância, a aluna-estagiária respondeu o seguinte:

[Durante o Estágio de Docência, na escola] Aqui tem biblioteca. Seria super-interessante levá-los à biblioteca. Não tinha me passado pela cabeça. Estava sempre pensando o que ia preparar de aula pra eles. Tanto é que 6^a feira eu queria conversar com a orientadora de estágio pra ver o que eu ia dar pra eles. Não tinha idéia.

Os relatos possibilitam situar dois eixos decorrentes da atividade de leitura: formar-se leitor e formar-se formador de leitores, identificando representações de o que é ser e como se formam leitores.

Ser e formar-se leitor constitui-se por atitudes independentes, de quem norteia suas leituras a partir das próprias escolhas. Para isso sabe o que é preciso fazer, aonde ir, o que procurar, como ler, o que ler, quando ler, no sentido mais profundo do leitor autêntico, independente, autônomo e singular.

Por outro lado, o reconhecimento de que atividades de leitura precisam ser realizadas no ambiente escolar, de forma organizada, dirigida e incentivada, são também observadas nos relatos, quando há referência à formação de formadores de leitores. Desse modo parece haver duas trajetórias que distinguem o processo de formação de leitores, e que não parecem se entrecruzar. Uma vez que percorrem caminhos diferentes e que não parecem servir de referência para as atividades de leitura.

É notável perceber que, se a escola foi o principal espaço que abriu caminho para a aluna reconhecer-se como leitora, não significou que tenham sido as práticas realizadas em sala de aula a origem da necessidade de ler. Os procedimentos de leitora e seus procedimentos como formadora de leitores na escola, durante a experiência de estágio de docência, revelaram o distanciamento entre suas práticas como leitora independente e as atividades de leitura programadas para suas aulas.

Reconhecer-se como leitor é ser capaz de identificar entre as diversas práticas de leitura realizadas na escola, aquelas que fazem parte da formação de novos leitores. A dificuldade em perceber-se como tal não implica, necessariamente, em práticas que não se traduzam pela consciência do próprio papel de formador de leitores. A questão que se faz necessário discutir é o papel da escola na percepção de práticas e representações de leitura que deixam perceber e se fazem perceber leitor e formador de leitores.

Referências Bibliográficas:

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa (PT): Difel, 1990.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos e aprendizados. In: Representações e imagens da leitura. FRAISSE, et al. SP: Ática, 1997.

PIGLIA, Ricardo. O último leitor. SP: Companhia das letras, 2006.